



MERCADO DE TRABALHO

Procuram-se engenheiros?

Diversas entidades afirmam categoricamente que o país vai sofrer com a falta de engenheiros nos próximos anos. Até que ponto isso é verdade?

Estão sobrando vagas de emprego?

Os profissionais estão recebendo aquilo que merecem? Analisamos os indicadores para responder essas questões.

Entrevista: Álvaro Cabrini Júnior, presidente do Crea-PR: "Os engenheiros não estão ganhando o salário que merecerem"

Páginas 4 a 6

Confira como foi a comemoração dos 75 anos do Senge



Evento reúne mais de 300 convidados. Jornalista Luis Nassif foi o palestrante do evento

Páginas 10 e 11

Senge-PR firma parceria com a Unimed do Paraná



Associados podem aderir a plano de saúde da operadora. Preços são mais atrativos que planos individuais ou familiares

Página 3

□ **Editorial**

Procuram-se engenheiros?

Encaminhamos mais uma edição de O Engenheiro, destacando como tema central a tão propagada “escassez de engenheiros”. Diversos veículos de comunicação, principalmente da grande imprensa, tem dado atenção ao tema, já que algumas entidades ligadas a indústria e até mesmo diretamente a engenheiros estão afirmando constantemente que o Brasil sofrerá com a carência de engenheiros nos próximos anos. Dessa forma, analisamos os números recentemente divulgados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a



Valter Fanini

Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), fizemos um cruzamento de dados entre a oferta e a demanda por engenheiros no Brasil e chegamos a conclusão que isso (infelizmente) não é a realidade de nossa profissão.

Para dar mais embasamento ao tema, entrevistamos o presidente do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Paraná, engenheiro agrônomo Álvaro Cabrini Júnior, que recomenda cautela. Na entrevista, Cabrini destacou que muitos engenheiros desistiram da profissão, mudaram de rumo e viraram empresários. E um questionamento interessante para todos nós. Será que esses engenheiros não estão fora da engenharia pelos baixos salários pagos?

A subseção do Dieese no Senge-PR analisou os principais indicadores disponíveis e constatou que, pelo menos a curto e médio prazo, não vão faltar profissionais. Obviamente, existem alguns setores específicos que podem sofrer com a ausência de engenheiros, mas são casos pontuais, principalmente setores que há tempos estavam estagnados. Por isso, não

devemos nos iludir com discursos que alardeiam que a oferta de engenheiros não é suficiente para atender a demanda do mercado de trabalho. Por trás deste discurso aligeirado, se escondem interesses de alguns empregadores e da indústria da educação na massificação sem qualidade do ensino da engenharia, com o objetivo de manter um exército de engenheiros desempregados como garantia da manutenção de baixos salários.

Afinal, não podemos criar falsas ilusões para os mais de 40 mil estudantes de engenharia que se formam anualmente, nem inchar o mercado com novos engenheiros, muitos deles sem a formação adequada. Neste sentido, recomendo a leitura do artigo do ex-presidente da Fisenge, engenheiro eletricitista Luis Carlos Correa Soares, que fez uma reflexão muito interessante

“**Afinal, não devemos criar falsas ilusões para os mais de 40 mil estudantes de engenharia que se formam anualmente, nem inchar o mercado com novos engenheiros, muitos deles sem a formação adequada**”

sobre o nosso modelo de educação, baseado apenas na formação intelectual.

Esta edição traz ainda a cobertura do aniversário dos 75 anos do Senge-PR. O evento de comemoração deste importante jubileu, foi realizado no dia 23 de abril e foi bastante prestigiado pelos engenheiros e pelas principais entidades ligadas a engenharia. O evento teve a presença do jornalista Luis Nassif, um dos mais influentes do país. Além de sua palestra no evento, que pode ser assistida na íntegra no site do Senge-PR, Nassif concedeu uma entrevista exclusiva a este jornal, onde, sem papas na língua, criticou o governo FHC e sua política cambial, a política de José Serra a frente de São Paulo, os avanços e pecados do governo Lula e analisou o papel dos sindicatos no século XXI.

Boa Leitura!

SINDICATO DOS ENGENHEIROS NO ESTADO DO PARANÁ SENG-PR

Filiado à **fisenge** Federação Interestadual de Sindicatos de Engenheiros

Diretor-Presidente
Valter FANINI
Vice-Presidente
Ernesto Galvão Ramos de CARVALHO
Diretor-Secretário
Ulisses KANIAK
Diretor-Secretário Adjunto
Marcos Valério de Freitas ANDERSEN
Diretor Financeiro
Lídio Akio SASAKI
Diretor Financeiro Adjunto
Jorge Irineu DEMÉTRIO

Diretores

ADRIANO Luiz Ceni Riesemberg, Antonio Cezar Quevedo GOULART, CLODOMIRO Onésimo da Silva, Décio José ZUFFO, EDISON Samways Junior, ERASMO Felix Benvenuti Filho, GERALDO Rocha de Barros, GISLENE Lessa, JOÃO GUILHERME Iansen Baptista, Joel KRUGER, José da Encarnação LEITÃO, Luiz Antônio CALDANI, MARGIT Hauer, PAULO SIDNEI Carreiro Ferraz, ROLF Gustavo Meyer, ROSANA Scaramella, SANDRA Cristina Lins dos Santos, WILSON Uhren

Sede Rua Marechal Deodoro, 630, 22.º andar, Centro Comercial Itália (CCI), CEP 80010-912
Tel./fax: (41) 3224 7536. senge-pr@senge-pr.org.br

Diretores Regionais

Roberto Menezes MEIRELLES (Campo Mourão)
HÉLIO Sabino Deitos (Cascavel)
ROGÉRIO Diniz Siqueira (Foz do Iguaçu)
ORLEY Jayr Lopes (Francisco Beltrão)
WILSON Sachetin Marçal (Londrina)
SAMIR Jorge (Maringá)

Campo Mourão Avenida Capitão Índio Bandeira, 1400, sala 607, Centro, 87300-000. Tel./fax: (44) 3523 7386. campomourao@senge-pr.org.br

Cascavel Rua Paraná, 3056, sala 703, Centro, 85801-000. Tel./fax: (45) 3223 5325. cascavel@senge-pr.org.br

Foz do Iguaçu Rua Almirante Barroso, 1293, loja 9, Centro, 85851-010. Tel./fax: (45) 3574 1738. fozdoiguacu@senge-pr.org.br

Francisco Beltrão Rua Palmas, 1800, loja D, Centro, 85601-650. Tel./fax: (46) 3523 1531. franciscobeltrao@senge-pr.org.br

Londrina Rua Senador Souza Naves, 282, sala 1001, Centro, 86010-170. Tel./fax: (43) 3324 4736. londrina@senge-pr.org.br

Maringá Travessa Guilherme de Almeida, 36, cj.1304, Centro, 87013-150. Tel./fax: (44) 3227 5150. maringa@senge-pr.org.br

Pato Branco Rua Guarani, 1444, sala 1, Centro, 85501-050. Tel./fax: (46) 3225 2678. patobranco@senge-pr.org.br



Publicação bimestral do Sindicato dos Engenheiros no Estado do Paraná

Editor responsável Felipe A. Pasqualini (Reg. Prof. 3.804 PR)

Ilustrações e diagramação Alessandro Teixeira Ribeiro

Fale conosco comunica@senge-pr.org.br

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores. O Senge-PR permite a reprodução do conteúdo deste jornal, desde que a fonte seja citada.

Fotolitos/impressão Reproset **Tiragem** 12 mil exemplares

□ Benefícios

Senge-PR oferece plano da Unimed à associados

Preços ofertados em convênio firmado entre Senge-PR e Unimed são bem mais atrativos que os planos individuais, contratados por pessoas físicas

Os engenheiros associados ao Senge-PR podem usufruir de mais um benefício. O sindicato fez um convênio com a Federação das Unimed do Paraná e os associados poderão aderir ao plano de saúde empresarial da Unimed Paraná, que conta com preços mais atrativos do que os planos individuais, contratados por pessoas físicas (confira a tabela). Além do engenheiro associado, é possível incluir dependentes (esposa, filhos e netos). Quem aderir ao plano até o dia 12 de setembro, está livre de carências, exceto doenças pré-existentes.

Para o diretor-presidente do Senge-PR, Valter Fanini, o convênio com a Unimed é importante pois oferece condições econômicas mais favoráveis para os engenheiros que não contam com esse benefício em seu trabalho, como autônomos e funcionários públicos. “Procuramos oferecer cada vez mais facilidades aos nossos associados e o plano de saúde é fundamental para dar mais tranquilidade aos engenheiros e seus familiares”, destacou Fanini.

Como aderir

Para aderir ao plano, basta o engenheiro ser sindicalizado e estar em dia com suas mensalidades junto ao Senge-PR. Cumprindo esse pré-requisito, basta preencher a proposta de adesão, que está disponível no site: www.grupovital.com.br/new/proposta_adesao.html. Nesta página, o usuário deve preencher o campo “número do contrato de sua Associação/Sindicato/Clube junto a Unimed”. O número do Senge-PR é **547800**. Depois, preencher a proposta de adesão, com os dados solicitados. Quem já possui outro plano de saúde pode aproveitar as carências, de

acordo com as regras da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS).

de 18 anos, sem CPF);

e) Cópia Certidão de Casamento.

Documentos Necessários

Para inclusão de associado e/ou dependente(s) deverão ser preenchidos/apresentados os seguintes documentos:

- Declaração de Saúde;
- Comprovante de endereço;
- Cópia RG e CPF dos beneficiários;
- Cópia certidão de nascimento (menores

Abrangência

Todos os engenheiros filiados ao Senge-PR podem aderir ao plano, exceto os que moram na cidade de Londrina, que por questões operacionais não faz parte da área de cobertura. O Senge-PR está em negociação com a Unimed para ampliar este benefício aos associados da cidade.

Ambulatorial Hospitalar com Obstetrícia (apartamento)

Faixa etária	Somente Titular	Titular + 1 dependente (por pessoa)	Titular + 2 dependente (por pessoa)	Acima de 3 dependentes (por pessoa)
0 a 18 anos	104,83	94,35	83,87	73,39
19 a 23 anos	120,08	108,07	96,06	84,06
24 a 28 anos	149,40	134,45	119,52	104,58
29 a 33 anos	163,16	146,85	130,53	114,22
34 a 38 anos	176,56	158,91	141,25	123,60
39 a 43 anos	202,70	182,43	162,17	141,89
44 a 48 anos	234,71	211,23	187,77	164,29
49 a 53 anos	290,30	261,27	232,24	203,21
54 a 58 anos	367,49	330,74	293,99	257,24
Mais de 58 anos	524,73	472,26	419,79	367,32

Ambulatorial Hospitalar com Obstetrícia (apartamento)

Faixa etária	Somente Titular	Titular + 1 dependente (por pessoa)	Titular + 2 dependente (por pessoa)	Acima de 3 dependentes (por pessoa)
0 a 18 anos	77,24	69,52	61,80	54,07
19 a 23 anos	93,09	83,78	74,47	65,16
24 a 28 anos	115,64	104,08	92,51	80,95
29 a 33 anos	120,86	108,78	96,69	84,60
34 a 38 anos	130,85	117,77	104,68	91,60
39 a 43 anos	150,37	135,33	120,29	105,26
44 a 48 anos	176,64	158,98	141,31	123,65
49 a 53 anos	200,91	180,81	160,72	140,64
54 a 58 anos	279,27	251,34	223,42	195,49
Mais de 58 anos	396,65	356,99	317,32	277,66

□ Entrevista

Os engenheiros não estão ganhando o salário que merecem

O presidente do Crea-PR, engenheiro agrônomo, **Álvaro Cabrini Junior**, afirma em entrevista exclusiva a O Engenheiro que o Brasil tem uma oportunidade única para voltar a crescer, mas para isso o país precisa reestruturar seus quadros de engenharia



A frente da presidência do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Paraná (Crea-PR) desde 2006, o engenheiro agrônomo **Álvaro Cabrini Júnior** está otimista em relação ao futuro do país. Apesar dos inúmeros problemas de infraestrutura, oriundos da crônica falta de investimentos públicos nos últimos 30 anos, Cabrini acredita que o país tem tudo para retomar seu ritmo de crescimento, pois não faltam oportunidades. Mas para isso, ele acredita que é necessário remontar os quadros técnicos das prefeituras, do estado e da união, pois “estão completamente defasados em todas as áreas da engenharia, na mecânica, na elétrica, na agrônômica, na civil”. Sobre as previsões excessivamente otimistas de algumas entidades ligadas a engenharia, que afirmam que vão faltar engenheiros no país nos próximos anos, Cabrini recomenda cautela. “Muitos engenheiros desistiram da profissão, viraram empresários. Será que não estão fora da engenharia pelos baixos salários pagos pelo poder público”?, questiona.

Leia a entrevista.

Senge-PR - Algumas entidades ligadas a engenharia afirmam que vão faltar engenheiros no Brasil nos próximos anos. Por outro lado, um estudo recentemente divulgado pelo Instituto de Pesquisa

Alexsandro Teixeira Ribeiro



Cabrini: baixo salário é o principal fator de evasão

Econômica Aplicada (Ipea) não abaliza essa ideia. Como o sr. analisa essa questão?

Cabrini - Acredito que vão faltar engenheiros, mas não na medida que algumas entidades vem afirmando, pois os engenheiros ainda não estão ganhando aquilo que merecem receber. Algumas áreas da engenharia, sobretudo na construção civil, tem recebido uma demanda muito grande. Em determinadas especialidades da engenharia como, por exemplo, engenharia de tráfego, não existem profissionais. Em outras áreas, o salário não compensa. Muitos engenheiros desistiram da profissão, viraram empresários. Alguns concursos de prefeituras ou mesmo do estado oferecem salários de dois mil reais para os engenheiros. E para receber esse salário, ele ganha mais com outra atividade.

Senge-PR - No Paraná, há um projeto de Lei apresentado pelo Deputado Edson Strapasson que visa reenquadrar os salários dos engenheiros que atuam no setor público. Caso seja aprovado os profissionais irão receber remunerações iguais ou superiores ao piso salarial da categoria. Acha possível que o projeto seja aprovado?

Cabrini - Eu tenho dúvidas em relação a aprovação desse projeto, pois ele cria despesas e a medida teria que partir do executivo. Partindo do legislativo, certamente o governo vetaria. Mas não podemos perder a oportunidade de fazer essa discussão dentro da Assembleia

Legislativa. Agora passamos por um momento constrangedor na Assembleia. Estamos pagando salários fantasmas e como fica a questão dos salários dos engenheiros, dos professores e de todo o funcionalismo público?

O que está acontecendo? A máquina pública está inchada ou não está? Um engenheiro não pode se dignar a trabalhar por dois mil reais. Melhorando o salário ele vem? Acredito que sim. O Crea-PR por exemplo, paga o salário mínimo profissional a todos os engenheiros que atuam em seus quadros e estamos com todos os cargos ocupados. Então, se o estado, os municípios melhorarem os salários, pagarem no mínimo o piso, preencherá essas vagas. A oferta e a demanda vão se equilibrar.

Senge-PR - A retomada da economia brasileira tem favorecido os profissionais da engenharia?

Cabrini - Desde o fim dos anos 70, início dos anos 80 o estado brasileiro quebrou. Não foi por outra razão que os militares deixaram o poder, pois não havia mais dinheiro. Logo depois, tivemos a falácia do neoliberalismo, dizendo que era necessário enxugar o estado brasileiro e na verdade os últimos projetos de crescimento do país são dessa época. Quais foram as ferrovias construídas após esse período? Quais os planos hidrovíarios que foram modificados? Nenhum. O último plano de logística rododiferroviária do Paraná data dessa época. Nossa safra aumentou quatro vezes de 1980 para cá e continuamos fazendo o escoamento na mesma malha viária de 30 anos atrás. Temos uma grande defasagem e ao mesmo tempo, uma grande oportunidade para crescer. O crescimento econômico da Ásia cria uma grande oportunidade para o Brasil. Na China não há água necessária para fazer a urbanização e suprir as necessidades dos estômagos chineses. Vão ter que buscar alimentos em outro lugar. É uma chance de comercializarmos nossos produtos num país que tem quase um terço da população mundial. Mas não temos logística para

isso. Não temos como transportar de forma eficiente nossa produção. É uma oportunidade para o Brasil.

Senge-PR - O Brasil precisa de mais engenheiros e técnicos qualificados para fazer o país aproveitar essas oportunidades?

“Acredito que vão faltar engenheiros, mas não na medida que algumas entidades vem afirmando, pois os engenheiros ainda não estão ganhando aquilo que merecem receber. Algumas áreas da engenharia, sobretudo na construção civil, tem recebido uma demanda muito grande.”

Cabrini - Os quadros técnicos das prefeituras, do Paraná e da União estão completamente defasados em todas as áreas, na mecânica, na elétrica, na agrônômica, na civil. Hoje, o PAC está “empacado” porque faltam projetos. Faltam engenheiros, arquitetos para projetar esses empreendimentos todos. Quando resolvermos esse problema, vamos

criar outro. A prefeitura de Maringá, por exemplo, tem dois engenheiros para fiscalizar todas as obras da cidade. A obra pública precisa ser acompanhada pelo poder público. Quando você terceiriza, o poder público precisa acompanhar, se as melhores técnicas construtivas estão sendo utilizadas, se não há superfaturamento do material, se não estão colocando material de menos na construção. Tem toda essa conjuntura que estamos vivenciando com o crescimento da economia. Por outro lado, o Crea-PR tem outro problema para enfrentar, com as empresas estrangeiras que estão investindo no país. Pois junto com o dinheiro, vem também os profissionais e nós temos que tomar cuidado para não

haver um desvirtuamento nesse processo. E como vamos competir com profissionais formados nas universidades do outro lado do Atlântico? Será que muitos não estão fora da engenharia pelos baixos salários pagos pelo poder público? Será que se

pagassem bem eles não ocupariam esses espaços vagos? Eu acho que pelo menos eles começariam a aparecer. Para compensar a atividade empresarial ou empreendedora que eles estão fazendo com um salário mais compatível, poderiam trocar essas atividades pela segurança de um emprego público. Mas hoje um profissional da área de engenharia não troca sua atividade empreendedora por um salário de dois mil reais. Recentemente vários concursos de prefeituras, contratando engenheiros e arquitetos com salários de dois mil reais. E as vagas estão lá a disposição. O poder público precisa melhorar essa oferta. Talvez se os recursos públicos fossem melhor geridos, teríamos a possibilidade de qualificar melhor nossos quadros. Temos grandes gargalos para resolver. Para atender a demanda criada pela Copa do Mundo de Futebol, precisaríamos de 80 bilhões de reais de investimento, para deixar o país num padrão aceitável. Parece que o Brasil não tem esse dinheiro. Mas se investirmos pelo menos ¼ desse valor, já é uma grande quantidade de dinheiro que se injeta na economia, criando demandas na área de urbanismo, logística, infraestrutura, paradas desde os anos 80. O metrô que é construído fica incorporado na cidade. A Copa é um item, daqui a 4 anos. Mas temos

“Os quadros técnicos das prefeituras, do Paraná e da União estão completamente defasados em todas as áreas, na mecânica, na elétrica, na agrônômica, na civil. Hoje, o PAC está “empacado” porque faltam projetos. Faltam engenheiros, arquitetos para projetar esses empreendimentos todos. Quando resolvermos esse problema, vamos criar outro.”

outras demandas. Eu tenho uma visão bastante otimista, pois creio que o Brasil vá entrar num ciclo de investimento. Somos nós, os engenheiros, que temos que levar esse país para a sustentabilidade.

Senge-PR - Como os sistemas Confea/Crea contribuem para a valorização dos profissionais da engenharia? Quais os aspectos mais positivos e o que ainda pode melhorar?

Cabrini - Essa é uma área que infelizmente estamos olhando para trás. O sistema tem uma avenida de oportunidades pela frente, mas ainda olha pelo retrovisor. Estamos muito aquém de onde poderíamos estar, pois infelizmente nossa cúpula federal é muito conservadora.

>>Precisamos nos desprender, ser muito mais ousados do que somos hoje e ter uma atitude mais empreendedora com relação essas oportunidades que nos são colocadas. Poderíamos ter ações mais agressivas na

interface com a sociedade, com as prefeituras, com as câmaras de vereadores, com os legislativos municipais. Poderíamos ser mais ousados na participação política, participar dos debates da sociedade, das atividades de formação das políticas públicas, melhorar os partidos políticos, mas infelizmente estamos passivos em relação a isso, viramos as costas para a sociedade, quando poderíamos ser protagonistas da mudança dessa história terrível que assola o país. Não é apenas na política, mas está no dia a dia do cidadão, que oferece 50 reais para o guarda não multá-lo, ou estaciona

nas vagas dos deficientes. A sociedade precisa rever sua conduta ética e moral. Precisamos ser mais ousados, criar novas regras, chamar a sociedade para a discussão. Quando vamos ter coragem de enfrentar os cartéis que dominam o país? Melhorar os planos de governo, participar de assembleias, elaborações de discussões, pautas de construção de políticas públicas. Poderíamos caminhar de um modo mais rápido.

Senge-PR - Desde 2008 circula um Projeto de Lei que separa a arquitetura da engenharia. Como o sr. vê a questão? Isso enfraquece ou fortalece a profissão?

Cabrini - Essa é a pergunta que o sistema profissional não fez. Porque uma minoria se revoltou e quer sair do sistema? Essa pergunta que o “dinossauro”, o sistema Confea, nunca fez. O que deixou essas pessoas insatisfeitas? Talvez aí esteja a resposta, onde o sistema falhou. Não ter ouvido a sua massa. Ao mesmo tempo temos uma gama de engenheiros civis insatisfeitos, querendo criar a ordem dos engenheiros civis, outra entidade própria. Os agrônomos já se rebelaram no passado,

os técnicos querem sair. O que o sistema não ouve? Talvez se parássemos para pensar, estas questões estariam resolvidas, se olhássemos para frente, esse seria um problema resolvido. Eu penso que o

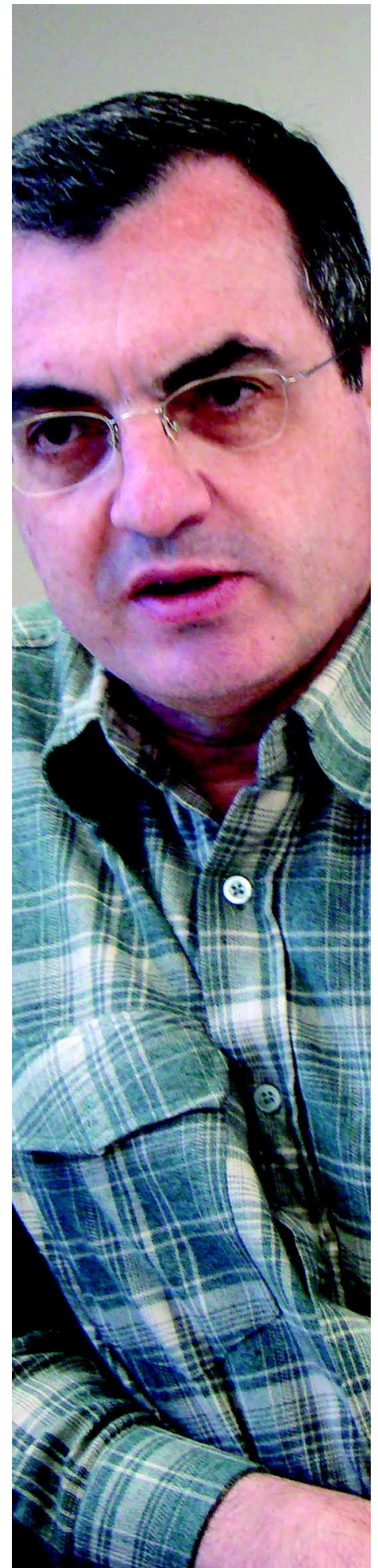
Conselho dos Arquitetos logrará êxito, se os arquitetos criarem um conselho de arquitetura com uma nova mentalidade. Porque se eles pegaram hoje o que temos dentro do sistema Confea e forem transportar isso para o CAU, vão trocar seis por meia dúzia. O sistema atual vai passar por cima deles como rolo compressor. Mas, se criarem um sistema que perceba não só os anseios da categoria profissional, mas os anseios da profissão, da sociedade e derem esse salto que o sistema Confea não deu, aí eles vão conseguir êxito. Mas eu não acredito que as lideranças atuais

da arquitetura, tenham se dado conta disso. Pode ser uma grande coisa, ou então apenas mais uma entidade que poderá ter dificuldades para se auto-sustentar.

Senge-PR - Em relação a sua área, a agronomia, como o senhor avalia o mercado de trabalho?

Cabrini - Há 30 anos, tínhamos três faculdades de agronomia no Paraná. Hoje, temos 24. Existe uma demanda para o agronegócio e para a agricultura familiar, que não são modelos excludentes. Temos mercado para as duas coisas, dentro e fora do país. Outra possibilidade são os produtos orgânicos, sem contaminação. Vejo o mercado da agronomia de forma bastante promissora. Os estoques mundiais de alimentos estão cada vez mais escassos. Precisamos agregar valor a nossa produção. Não podemos ficar apenas produzindo produtos primários, exportando navios de soja ou milho para serem industrializados na China ou na Alemanha, gerando emprego e renda por lá. Precisamos repensar esse modelo. Passar por uma reconversão nessa área. Aí sim, eu acredito que nós vamos melhorar a demanda para esses profissionais.

“ Há 30 anos, tínhamos três faculdades de agronomia no Paraná. Hoje, temos 24. Existe uma demanda para o agronegócio e para a agricultura familiar, que não são modelos excludentes. Temos mercado para as duas coisas, dentro e fora do país. Outra possibilidade são os produtos orgânicos, sem contaminação. Vejo o mercado da agronomia de forma bastante promissora. Os estoques mundiais de alimentos estão cada vez mais escassos. Precisamos agregar valor a nossa produção. ”



▣ **Análise**

Faltam engenheiros no mercado de trabalho?

O economista **Fabiano Camargo**, da subseção do Dieese no Senge-PR, analisa com base em números oficiais a relação entre profissionais de engenharia e a demanda por engenheiros no mercado de trabalho formal e constata que a curto e médio prazo não vão faltar profissionais



Em artigo no último jornal O Engenheiro, o diretor presidente do Senge-PR,

Valter Fanini, levantou o debate sobre a suposta escassez de engenheiros no país. Fanini afirmou que não faltam profissionais no mercado de trabalho, mas sim, salários adequados para atrair os engenheiros ao mercado de trabalho. Dando sequência aos debates sobre este tema, escrevo artigo ratificando esta opinião.

Com base nos dados do Censo do Ensino Superior do Ministério da Educação (MEC) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), fizemos um cruzamento de dados entre oferta e demanda por engenheiros no Brasil. Segundo o Censo do Ensino, a cada ano, aproximadamente 40 mil novos engenheiros chegam ao mercado de trabalho. Entre 2004 e 2008, deixaram as universidades para o mercado, 169 mil engenheiros, representando um crescimento de 38,57%. Já a RAIS, nos mostra que existiam no país em 2008, 192 mil engenheiros exercendo a profissão com emprego formal, sendo que, de 2004 a 2008, foram abertas no mercado de trabalho apenas 54,4 mil vagas (crescimento de 34,33%) e em 2008, foram criadas quase 20 mil vagas.

Fazendo o cruzamento dos dados, observamos que se formaram em alguma das habilitações de engenharia aproximadamente 169 mil pessoas. Em contrapartida, foram criadas apenas 54,4 mil vagas. Conclui-se, que neste período ocorreu um déficit de 115 mil vagas para engenheiros no mercado de trabalho formal.



O que faltam são vagas, não engenheiros

Consequentemente, o que está faltando no mercado de trabalho são vagas para engenheiros e não profissionais. Além disso, segundo informações do sistema Confea/Crea, existiam aproximadamente 690 mil engenheiros registrados no Brasil em 2008, logo, pode-se concluir que haviam cerca de 500 mil engenheiros desempregados ou exercendo outras ocupações. Por meio destes dados, mais uma vez é reforçada a tese de que nem todos os engenheiros estão ocupados em sua profissão. Tese defendida por outro estudo divulgado recentemente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que confirma que atualmente não há escassez de engenheiros no mercado de trabalho. Segundo as estimativas do Ipea, existiam 750 mil profissionais com formação em engenharia no país até 2008.

A situação dos engenheiros não tem sido muito confortável nas últimas décadas no mercado de trabalho, principalmente durante as décadas de 80 e 90, quando as baixas taxas de crescimento econômico, abertura econômica, redução da participação do Estado na economia, diminuição dos investimentos públicos, reduziram o ritmo da geração de vagas para engenheiros. Deste modo, muitos profissionais foram deslocados para outras ocupações ou até mesmo para outros setores de atividade econômica, não condizentes com a sua formação. Em meio as adversidades para os profissionais de engenharia nos anos 80, ficou conhecido nacionalmente o caso do engenheiro Odil Garcez Filho que foi tentar a sorte em outra área. Em 1982, Garcez Filho, criou em São Paulo, a lanchonete “O Engenheiro que>>

>> Concluintes de ensino superior e engenharia (Brasil)

Ano	Engenharia	Var (%)	Geral	Var (%)	Eng / Total (%)
2003	25.599	-	528.223	-	4.85
2004	27.731	8.33	626.617	18.63	4.43
2005	31.019	11.86	717.858	14.56	4.32
2006	35.029	12.93	736.829	2.64	4.75
2007	37.396	6.76	756.799	2.71	4.94
2008	38.428	2.76	800.318	5.75	4.80
2003 a 08	195.202	-	4.166.644	-	4.68
Var(%) 2003/08	-	50.12	-	51.51	-

Fonte: Censo de Educação Superior- INEP/MEC

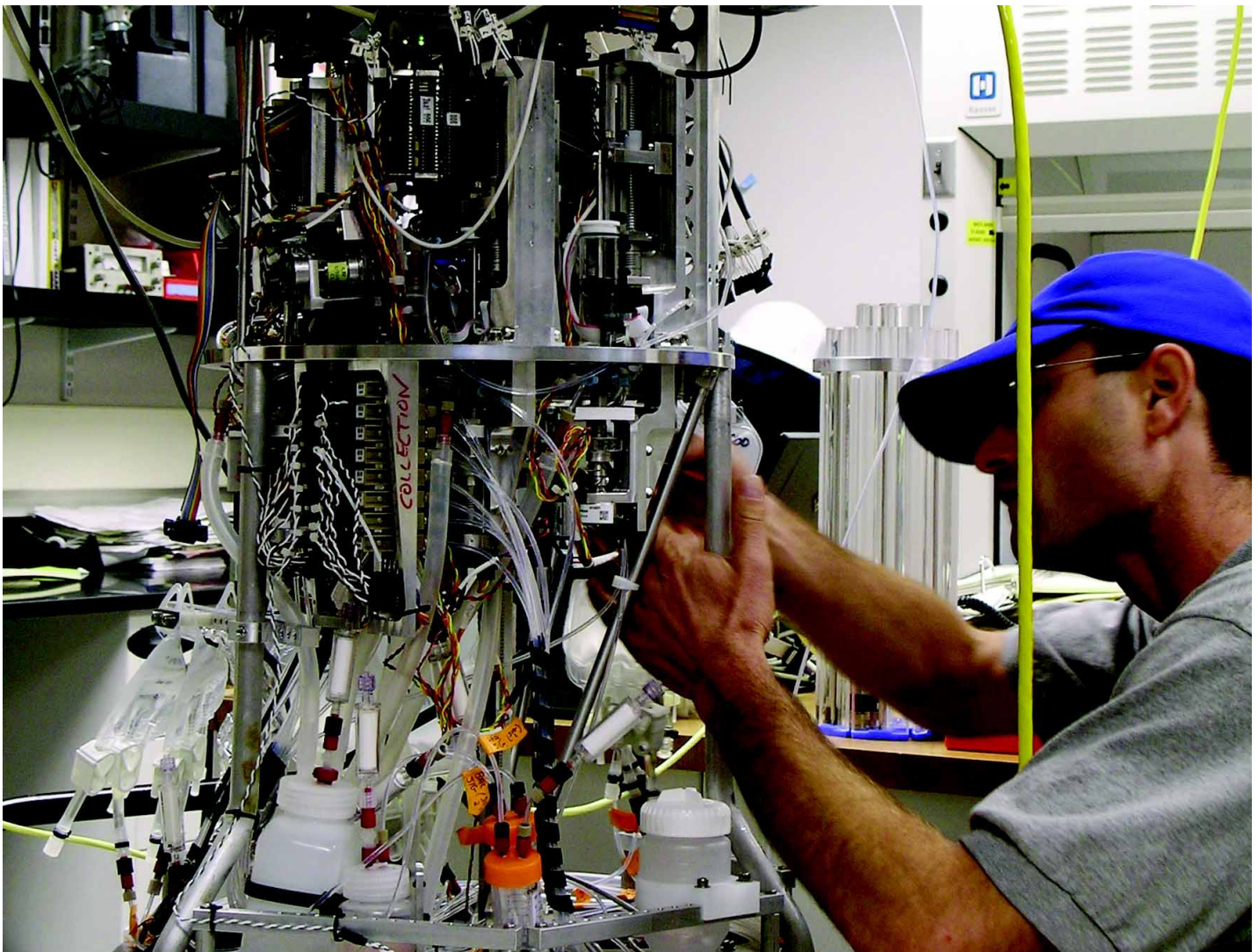
Elaboração: Dieese / Subseção Senge-PR

virou suco”, tendo como inspiração para o nome de sua loja, o filme brasileiro “O Homem que virou suco”, de João Batista de Andrade, que ganhou diversos prêmios em festivais de cinema da época. Esta experiência de Garcez Filho, reflete a situação vivida pelos engenheiros, não somente na década de 80, mas também para os anos seguintes, quando estes profissionais passam a ter dificuldades em encontrar uma vaga no mercado de trabalho.

Observamos que a situação dos engenheiros tem melhorado no período recente, com o crescimento da economia e geração de postos de trabalhos. Porém, é ainda muito preocupante, e bem diferente da situação vivida por estes profissionais no século passado, principalmente durante as décadas de 60 e 70. Até o final dos anos 70, o estudante que saía da universidade com diploma de engenheiro tinha um emprego praticamente garantido, a busca por estes profissionais era intensa, o

desemprego para engenheiros era praticamente nulo, situação que se alterou nas décadas seguintes.

O que nos preocupa, é que temos observado no período recente, discursos e textos elaborados, debatidos e difundidos na grande mídia por instituições patronais, formadores de opinião, entre outros e até mesmo por entidades que se propõe a defender os interesses dos engenheiros, que preconizam que a oferta de engenheiros no país, não é suficiente para atender a demanda do mercado de trabalho. Certamente que podem existir setores/ocupações onde faltem engenheiros, porém são casos específicos, ou seja, áreas que voltaram a crescer recentemente, acompanhado o dinamismo da econômica nacional, onde não havia anteriormente demanda por estes profissionais, como na engenharia naval, setor que estava praticamente estagnado no Brasil. Logo, é normal que exista um hiato temporal entre a demanda por engenheiros no mercado de trabalho e formação de novos



A situação dos engenheiros não tem sido muito confortável nas últimas décadas no mercado de trabalho, principalmente durante as décadas de 80 e 90

Vagas e salário de Engenheiros no emprego formal - 2003/08

Ano	Empregos			Remuneração	
	Estoque	Vagas geradas	Var (%)	Sal. Médio	Var (%)
2003	137.955	-	-	4.317.37	-
2004	143.164	5.209	3.78	4.801.84	11.22
2005	151.781	8.617	6.02	5.155.69	7.37
2006	162.678	10.897	7.18	5.478.15	6.25
2007	173.298	10.620	6.53	5.809.58	6.05
2008	192.306	19.008	10.97	6.470.29	11.37
Acum. 2003/08	-	54.351	39.40		49.87

Fonte: Rais/MTE Elaboração: Dieese / Subseção Senge-PR

profissionais. Em relação ao ensino, devemos ter cuidado em relação ao crescimento da oferta de vagas no ensino superior para engenheiros, já que isto pode ter como resultado o crescimento excessivo de profissionais no mercado de trabalho, rebaixando assim os níveis salariais.

O momento que estamos vivendo e as perspectivas do que está por vir, nos indicam que o cenário será benéfico para os engenheiros. As expectativas são que em 2010, e nos anos seguintes, o Brasil apresente elevadas taxas de crescimento, acima dos 5%. Isto em decorrência, dos elevados investimentos na economia, como do PAC, Pré-Sal, Copa do Mundo

“ Observamos que a situação dos engenheiros tem melhorado com o crescimento da economia e geração de postos de trabalhos, mas ainda é bem diferente da realidade vivida por estes profissionais no século passado, principalmente durante as décadas de 60 e 70 ”

e Olimpíadas. Que este cenário positivo, seja acompanhado da valorização profissional desta categoria, com níveis

salariais condizentes com a realidade econômica vivida pelo país, com o reconhecimento da sociedade da importância destes profissionais, com condições justas e dignas de trabalho para o exercício da engenharia. Sendo assim, a área de engenharia tende ser uma das mais promissoras do mercado de trabalho brasileiro com o crescimento expressivo do número de profissionais. Assim, em

um período de curto e médio prazo parece improvável que faltem engenheiros no mercado de trabalho.

Número de formandos em engenharia e vagas geradas no mercado de trabalho - 2003/08

Ano	Ensino superior			Mercado de Trabalho			Saldo Vagas geradas (-) concluintes
	Concluintes	Varição Absoluta	Var (%)	Eng.	Vagas geradas	Var (%)	
2003	25.599	-	-	137.955	-	-	-
2004	27.731	2.132	8.33	143.164	5.209	3.78	-22.522
2005	31.019	3.288	11.86	151.781	8.617	6.02	-22.402
2006	35.029	4.010	12.93	162.678	10.897	7.18	-24.132
2007	37.396	2.367	6.76	173.298	10.620	6.53	-26.776
2008	38.428	1.032	2.76	192.306	19.008	10.97	-19.420
Acum. 2004/08	169.603	12.829	-	-	54.351	-	-115.252
Var(%)2004/08	-	-	50.12	-	-	34.33	-

Fonte: Censo da Educação Superior - Inep / Mec; Rais / MTE Elaboração: Dieese / Subseção Senge-PR



Área de engenharia é uma das mais promissoras

▣ Senge-PR 75 anos

Comemoração de aniversário

Jubileu da entidade foi prestigiado por representantes da população paranaense pelo trabalho desenvolvido pelo Sindicato a

Fotos: Guilherme Pupo



“ O Senge-PR é reconhecido em todos os segmentos da população paranaense, principalmente pela seriedade que participa das negociações salariais em defesa dos engenheiros, pela atuação conjunta com os

movimentos sociais e todas as questões ligadas as políticas públicas, pela defesa do patrimônio público, pelo setor político, um sindicato que tem história e luta comprovada ”

Carlos Roberto Bittencourt
Presidente da Fisenge



No dia 23 de abril, foi realizada a comemoração dos 75 anos do Sindicato dos Engenheiros do Paraná. O evento reuniu mais de 300 pessoas e contou com uma palestra do jornalista Luis Nassif, que abordou a atual conjuntura econômica brasileira. A comemoração dos 75 anos do Senge-PR foi prestigiada pelas principais entidades ligadas a engenharia, como o Confea, a Fisenge, o Crea-PR, o Instituto de Engenharia do Paraná, além de deputados estaduais e federais, vereadores, ex-presidentes do Senge-PR, sindicalistas e associados.

Durante a solenidade, foi exibido o vídeo



Fanini entre os ex-presidentes do Senge Kamal David e Rubens Cury (dir) e o associado renido Milton Gomes de Campos



O jornalista Luis Nassif, o deputado estadual Edson Strapasson

institucional que conta a história dos 75 anos de atuação do Senge-PR. Em seu discurso, o presidente do Senge-PR, engenheiro civil Valter Fanini, destacou que todos os que desejam a cidadania, precisam se capacitar para um novo desafio, “que é identificar como operam os mecanismos de acumulação de riqueza no capitalismo moderno”. Ressaltou ainda o papel de “todas as pessoas que trabalharam e trabalham para que o Senge-PR continue a exercer um papel relevante dentro da sociedade paranaense, em sintonia com os interesses dos engenheiros e da engenharia”.

“ Os 75 anos de fundação do Senge-PR constituem um marco histórico para os engenheiros e para a engenharia paranaense. Quero parabenizar todos os ex-presidentes, diretores e profissionais que, ao longo desses anos, construíram e trabalharam com afinco para essa entidade, uma das mais importantes do Paraná e desejar um grande futuro ao Senge-PR ”



**Jayme Sunie Neto
Presidente do Instituto
de Engenharia do Paraná**



O diretor do Senge-PR, Paulo Sidnei, a ex-deputada federal Clair da Flora Martins e Valter Fanini

□ Opinião

Formação ou deformação?

O engenheiro eletricista **Luiz Carlos Correa Soares**, ex-presidente do Senge-PR e um dos fundadores da Fisenge, faz uma reflexão oportuna sobre o nosso atual modelo de educação e propõe desafios que englobem não apenas a formação intelectual, mas algo amplo, que englobe o trabalho, a cidadania e a vida



Verbetes como formação, educação, aprendizado, ensino, conhecimento, aprender, apreender e outros têm sido tratados com conceitos interconectados, de tal

forma que muitas vezes se torna difícil dirimir entre o definidor e o definido. Em outras palavras, o que vem antes é a galinha ou o ovo?

Por exemplo, no Brasil é usual o conceito de educação englobar o de aprendizado, de ensino e de formação. Neste artigo, de modo tão despretencioso quanto sucinto, tentamos transitar em outro rumo. Trata-se de atender a mais um fortíssimo apelo para quebrar paradigmas e mitos, dentre os muitos desafios que se nos apresentam neste nosso momento histórico.

A formação, em nosso entendimento, é um conjunto de processos contínuos de busca e assimilação de informações com vistas ao crescimento do conhecimento e da consciência. Estes, sob sentidos filosóficos muito amplos. Desse modo, trata-se de um processo que começa ao nascer e só acaba na morte física de cada ser humano. Isso, porém, sob as concepções predominantes nas sociedades ditas ocidentais. Sob outros olhares, há divergências quanto a esses limites.

Claro está que a formação aqui concebida só será possível sob um novo processo civilizatório em âmbito mundial, de tal modo que subverta e corrija as distorções e degenerescências hoje vigentes. Esse novo ciclo, em nossa percepção, já está em curso no planeta. E é fatal que deva estar!

O novo modelo deve se estruturar e se realizar em três eixos básicos, interligados e correlacionados: a) educação para a vida; b) ensino orientado para o trabalho; c)

preparação para o exercício da cidadania.

O primeiro, deve ser primordialmente de competência e responsabilidade da “nova” família (ou um retorno à “antiga” família), coadjuvada pela escola e apoiada pela comunidade. Pela educação se consolida a percepção da necessidade e da prática de valores, de princípios e de regras de vivência e convivência.

O ensino não deve ser entendido apenas como mero sistema de transmissão do conhecimento. Será de responsabilidade da “nova” escola em todos os níveis de preparação, qualquer que seja o espaço, o setor e o âmbito de atuação do indivíduo. A escola deve ser sempre uma instituição pública na acepção mais abrangente do termo, isto é, não necessariamente governamental.

A preparação para a cidadania – inexistente no Brasil – complementa a educação e o ensino, contemplando aspectos muito amplos e abrangendo o ser humano enquanto indivíduo, passando pela família, pela escola, pela atuação profissional e pela formação cultural e política. Trata-se, enfim, do verniz mais acabado na modelagem do cidadão.

Como é fácil perceber, os três eixos não constituem etapas ou fases temporais e têm conexões muito fortes entre seus elos de tal modo que são, ao mesmo tempo, inseparáveis e complementares em seus âmbitos. Isso permite que a formação possa ser tão completa quanto possível e atender a todos os objetivos de vida digna dos indivíduos de uma nova sociedade.

O novo sistema contemplará também as transversalidades inerentes, de modo que a formação seja abrangente, continuada, piramidal, lógica, racional, holística e eficaz. Se assim for, o processo de busca, transmissão e assimilação do conhecimento poderá ser tão amplo e profundo quanto for o desejo de cada ser humano, sem qualquer restrição, distinção,

precedência ou prevalência.

Reconhece-se que a concepção de um sistema como esse não constitui algo estritamente novo, porque retoma ensinamentos e práticas de grandes educadores, dentre os quais podemos citar Piaget, Makarenko, Vigotsky e Paulo Freire, apenas como exemplos, para não estender a lista. Como síntese da idéia aqui defendida pode-se repetir Makarenko: “a prática pedagógica é a organização do coletivo, para a educação da personalidade no coletivo e, somente, através do coletivo”. A sua aplicação prática, ao menos parcial, também é algo atual em muitas partes do mundo, como é o caso das escolas do MST, aqui no Brasil.

Recorde-se que em nosso país a educação (formação) se iniciou no chamado período jesuítico, que durou mais de dois séculos, isto é, de meados do século 16 até meados do século 18, quando o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas. E mudou os objetivos do modelo, que servia aos interesses da fé, para um modelo que passou a servir aos interesses do Estado.

Aliás, de certa forma e mesmo após muitas mutações ocorridas, o princípio permanece: atender a interesses alheios aos da maioria da sociedade. Com o agravante de ter passado a servir também aos interesses capitalistas da alienação, dominação, exploração e acumulação de riqueza. Exemplo: o modelo “exportado” pelo Banco Mundial e institucionalizado em toda a América Latina, à exceção de Cuba.

Na atualidade, quando no Brasil está em pauta um forte debate a respeito da formação tecnológica – com mais ênfase sob o nosso olhar –, é de extrema pertinência a discussão de toda a estrutura da pirâmide. Por duas razões: 1 - do topo, a universidade, é impossível corrigir deficiências de etapas precedentes, em qualquer dos três eixos; 2 – sem base, qualquer estrutura acaba ruindo!



□ Entrevista

A modernização do Lula se dá pelos movimentos sociais

O jornalista **Luis Nassif**, um dos mais influentes e polêmicos do país, em entrevista exclusiva a “O Engenheiro” faz uma análise sobre os últimos anos da política brasileira, opina sobre a sucessão presidencial e o papel dos sindicatos no século XXI

O jornalista Luis Nassif foi o convidado especial do evento em comemoração ao 75 anos do Senge-PR, realizado no Estação Convention Center. Com 40 anos de dedicação ao jornalismo, Nassif se destacou principalmente pela cobertura econômica e política, passando pelos principais veículos de comunicação do país, como a revista Veja, o Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo, TV Gazeta, TV Cultura e Rede Bandeirantes. Nassif foi um dos introdutores do jornalismo eletrônico no país, mantém um blog independente, atualizado constantemente e, desde março, apresenta na TV Brasil, rede de televisão pública gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), o programa de debates *Brasilianas.org*, onde discute políticas públicas, como saneamento, energia e educação. Exibido às segundas-feira, às 22 horas, o programa conta com interação do público que participa dos debates prévios pelo site www.brasilianasorg.com.br. Antes da palestra, Nassif atendeu com exclusividade a reportagem de *O Engenheiro* e fez uma análise dos últimos anos da política brasileira, sobre a sucessão presidencial e o papel dos sindicatos no século XXI. A palestra completa do jornalista, está disponível no site do Senge-PR, na seção vídeos.

Confira a entrevista:

Senge-PR - Que análise você faz do governo Lula? É possível notar alguma diferença em relação ao governo FHC?

Nassif- Total. Os anos 80 encerram um ciclo. Um ciclo do papel excessivo do estado, de endividamento, de grandes



Com FHC, o País ficou impedido de crescer

investimentos públicos. Era necessário partir para uma outra etapa, a abertura gradativa da economia, que foi pensada em meados dos anos 80, por um grupo de pessoas do BNDES, da Petrobras, da Eletrobrás, a chamada “integração competitiva”. Ou seja, completou-se o ciclo de industrialização e gradativamente de abertura da economia, para permitir que o país saísse daquela burocracia tremenda que imperava nos anos 80. As empresas começaram a buscar parcerias, reduzir a proteção para ganhar competitividade. O Fernando Collor, mesmo com todos os erros que cometeu, entendeu essa lógica e começou um processo gradativo de abertura da economia. Quando chega o Fernando Henrique Cardoso, ele arrebenta com isso. Ele e sua equipe econômica, fazem um modelo de remonetização da economia, de injetar dinheiro na economia só para quem tivesse dólar. Não satisfeitos com isso, eles deram uma tacada no câmbio, que não estava no script inicial do Plano Real. Isso permitiu grandes ganhos a diversos grupos, entre os quais os próprios economistas do real. Essa apreciação cambial matou a maior chance de crescimento que o Brasil já teve, que foi em 1994. Porque em 94 tivemos a estabilização da economia, as classes de subconsumo entrando no mercado de consumo e um rearranjo das multinacionais do mundo que estavam realocando suas unidades produtivas. Com o avanço da informática, da telemática, da logística, parou aquela ideia de ter uma fábrica aqui e os fornecedores em volta. E o Brasil era um dos países que deveria sediar essas fábricas. Essa chance foi jogada fora com a apreciação cambial, o Brasil ficou impedido de crescer. E o

Fernando Henrique manteve isso até 1999 e gerou uma dívida pública que amarrar todo o desenvolvimento brasileiro.

Quando se fala na carga tributária absurda que temos hoje, ela é oriunda dessas jogadas cambiais criadas para fechar a conta em dólares. Quando se analisa o governo dos militares, eles geraram uma enorme dívida pública, mas tinham ativos, as grandes estatais.

O Fernando Henrique Cardoso poderia ter feito um novo desenho da economia brasileira pois mantendo o câmbio competitivo, teria atraído as grandes multinacionais. Se tivesse feito a privatização adequadamente com fundos sociais poderia ter resolvido o problema da previdência, do fundo de garantia. Então, ele jogou fora essa grande oportunidade, num momento que o Brasil estava se preparando para o salto, tinha noção de gestão, inovação, o consumo popular estava começando a se formar. Teve tudo na mão, mas jogou fora a oportunidade.

Senge-PR - E o governo Lula?

Nassif -O primeiro governo dele (2002-2006) foi um desastre, o aprendizado foi um desastre. Ele cometeu muitos erros e o principal deles foi a tomada da máquina sem estabelecer uma disciplina, que resultou no famoso episódio do mensalão. Esse caso foi um divisor de águas fantástico e mostrou o gênio político do Lula. Naquele momento, com a mídia querendo derrubar o governo, ele fez a virada. E caso ele não fizesse um grande governo ele dançava. Nitidamente você observa uma mudança, apesar da imprensa não perceber.

E como você percebe essa mudança? Conversando com ministros e o Lula a mil por hora, trabalhando, exigindo e cobrando. Nesse processo, aparece a estrela da ministra Dilma Russel, que organiza todo o sistema de informações interno.

Com o PAC, ela estrutura o governo de tal maneira que o Lula passa a ter o controle e se transforma nesse grande estadista. Primeiro com o Bolsa Família que muda a face do Brasil. Agora um ponto interessante do governo dele, é que toda ação de governo ele pergunta: o que o país ganha com isso, qual a inclusão social e quais são os riscos. É um jeito intuitivo e absolutamente eficiente de governar, desde que você tenha o controle das ações orçamentárias. Então, quando se tem essa organicidade, começa a atuar de maneira

firme, em educação, saúde etc.

Senge-PR - E qual o maior pecado do governo Lula?

Nassif - Onde amarra tudo? No Banco Central. Hoje é difícil saber, mas era inevitável dentro da estratégia política. Quando ele entra, em 2002, o mercado quase desestabiliza as eleições. Em 2003, era uma crise cambial atrás da outra. O segundo governo ocorre um segundo fato que faz do Lula um personagem mundial, que foi a crise econômica. Com a crise ele percebeu que se não tivesse uma atuação muito firme, não conseguiria superá-la. E a crise permitiu libertá-lo daquele neoliberalismo fajuto. O Estados Unidos,

“ O Lula mostrou que ser presidente é um patamar muito mais elevado que ser meramente um economista. O Serra não tem envergadura para ser presidente. Qual o modelo que o Lula desenha? Montar o país com todos os apoios. É preciso conviver com o agronegócio e com a agricultura familiar. Tem que ter a multinacional brasileira e a bolsa família. Esse é o grande salto que o Brasil deu. Porque hoje você tem grupo de conhecimento em várias áreas, o Brasil tem uma estrutura de país moderno. E o Lula deu essa amarração ”

que são a pátria do liberalismo, não são assim. O governo americano é absolutamente pragmático, quer resultados e para isso faz diversas ações, incentivos. O modelo Antonio Palocci já tinha sido desmontado pela Dilma. O Palocci tinha criado uma série de mecanismos para o governo não gastar. A Dilma conseguiu com o PAC mudar o conceito de gasto público, conseguiu viabilizar uma articulação de investimentos, pois se tiver

uma obra pública, vai atrair um conjunto de investimentos privados.

Com o PAC você define que estas obras estão fora do ajuste fiscal, começa a desenhar um modelo de articulação com estados e municípios, onde começam a ganhar espaço esses modelos de conferência, que a imprensa fala tanto mal. Hoje as conferências são um fator fundamental do federalismo brasileiro. Tem a conferência da saúde, que você pega a demanda do pequeno município, que é levada para o estado, que é levada para a União. Isso dá uma enorme consistência. Já o Serra é um pensamento tecnocrático, ele acha que tudo se resolve criando um departamento.

A modernização do Lula se dá pelos movimentos sociais. Enquanto o Banco Central é o que temos de mais anacrônico, pois define metas para o ano, ao invés dos próximos dois meses, não expurga fatores realmente conjunturais. Mas, o Lula não teve grandeza para mudar esse cenário. Não deu atenção para pequenas e micro empresas, o BNDES precisa rever sua política de financiamentos. Por exemplo, o negócio do Custo Brasil também não avançou, a redução de burocracia, a reforma fiscal que tem que racionalizar, esse peso excessivo que se joga na folha salarial, depõe contra a geração de empregos formais. Mas as linhas gerais estão dadas. Hoje, o Brasil é unanimemente visto unanimemente como um “player” internacional.

A diplomacia brasileira é extraordinária, extremamente pragmática, o papel do estado está repensado. Mas será necessário agir com muita responsabilidade para que o próximo governo não pense que o papel do estado é controlar tudo.

Senge-PR - As eleições estão bastante polarizadas, entre a candidata do governo, Dilma Russel e o tucano José Serra. O senhor acredita que uma vitória do Serra seria um retrocesso para o país?

Nassif - O Lula mostrou que ser presidente é um patamar muito mais elevado que ser meramente um economista. O Serra não tem envergadura para ser presidente. Qual o modelo que o Lula desenha? Montar o país com todos os apoios. É preciso conviver com o agronegócio e com a agricultura familiar. Tem que ter a multinacional brasileira e a



bolsa família. Esse é o grande salto que o Brasil deu. Porque hoje você tem grupo de conhecimento em várias áreas, o Brasil tem uma estrutura de país moderno. E o Lula deu essa amarração. Ele mostra que é importante a inovação, a educação, matar a fome.

O Bolsa Família deu diversos desdobramentos no campo econômico, revitalizou a economia do nordeste, permitiu a interiorização do desenvolvimento. Então para fazer essa amarração, o Serra é incapaz, ele não conseguiu fazer isso em São Paulo. Se ele tivesse o mínimo vontade de fazer, ele teria incendiado São Paulo. Teria feito um movimento para juntar as universidades, os institutos de pesquisas, as grandes empresas, para fazer de São Paulo um centro de inovação, um grande exportador de produtos manufaturados, mas ele não tem uma única ação criativa. Não conseguiu inovar na educação, na saúde e cada vez que ele encontra um problema, ou se encolhe ou parte para o enfrentamento. Ele não tem diálogo, jogo de cintura, tem um viés autoritário, tecnocrático e isso gera conflito.

No caso da crise da Polícia Civil de São Paulo, ele deixou a crise chegar até as vias do confronto, por não receber ninguém. Depois da crise, ele deu tudo o que eles queriam, inclusive a redução do tempo de aposentadoria. Não é um homem de diálogo, não tem conhecimento do país, desmontou a engenharia do estado. Em nenhuma área consegue criar programas de gestão. Ele não sabe o que se passa no governo dele, é ausente. Não é efetivamente um bom gestor, é beligerante. Não é questão de PSDB ou PT, pois ele pode provocar um impasse no país, pelas características dele de conflito e de absoluto travamento para enfrentar os problemas.

Senge-PR - Como o senhor vê o papel dos sindicatos no século XXI?

Nassif - Vão ter que alterar muito. Quando você pega a CUT, por exemplo, ela tem um conjunto de departamentos, uma geração de pensamento sobre os mais diversos temas que é interessante. Mas quando os sindicatos ficam só nas demandas salariais, eu acho muito pouco.

Existe um sofisma monumental, desenvolvido por pessoas como Cláudio de Moura Castro e Paulo Renato de Souza, que salário não é importante. Eles

analisaram escolas públicas e escolas privadas e descobriram que as públicas tem mais salário que escola privada. E o desempenho dos alunos de escola privada é um pouco melhor. Então concluíram que o salário não é importante. Isso é uma besteira. A privada é melhor porque o aluno é de classe média o entorno dele é muito melhor. Eles criaram um blefe que não é só salário que resolve. Mas o salário é fundamental, pois se você não tiver salário, como vai permitir ter dignidade para atrair os melhores quadros? Mas quando o sindicato vai para as ruas, não tem que dizer apenas o que é melhor para o professor. Tem que mostrar o que é bom para o professor, o que é melhor para o aluno e para a sociedade. Eles não conseguem articular isso. E os sindicatos tendem a ficar obsoletos se não repensarem o modelo. Hoje, existe uma multiplicidade de temas muito interessante. Com a internet, com a mediação que vem da sociedade civil, das ONGs, dos grupos de interesse, o parlamento perdeu essa função. Os diretórios políticos não existem mais.

Os sindicatos seguem o mesmo caminho. Porque o sindicato vai representar um conjunto de pessoas se elas podem em vários ambientes, criar grupos específicos em que trocam ideias e chegam a um consenso de forma muito mais objetiva. Então os sindicatos de alguma maneira vão ter que abrir uma ampla discussão para saber como atuar. Por exemplo, a forma que o Senge realizou as ações contra os pedágios, é uma maneira de contribuição importante. Você pega uma visão técnica, não estatal para ser os olhos da sociedade naquela área. Então essa busca da legitimidade tem que se dar com os sindicatos parando de olhar o próprio umbigo e se transformando em observatórios da sociedade nas áreas que eles atuam. Agora isso é uma mudança de paradigma, complicada. Mas tudo está mudando, o judiciário precisa acompanhar, o fim do monopólio da grande mídia, a representação política acabou. Os sindicatos vão ter que montar suas redes, vão ter que pegar as contribuições dos seus associados para construir o conhecimento. Não é mais aquele conhecimento formado por quatro ou cinco líderes. De alguma maneira, os sindicatos vão ter que trabalhar em rede.



Nassif: papel de sindicatos deve alterar, e muito

Engenharia perde Carlos Scipioni, diretor regional do Senge-PR em Pato Branco



O Diretor Regional do Senge-PR em Pato Branco, engenheiro agrônomo Carlos Scipioni, faleceu no dia 6 de julho, vítima de enfarte agudo do miocárdio. Scipioni tinha 61 anos de idade e deixou esposa e dois filhos. Além de diretor do Senge-PR na cidade, também atuava como diretor-adjunto do Crea-PR e como presidente da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Pato Branco.

Para o diretor-presidente do Senge-PR, Valter Fanini, o falecimento do companheiro é uma grande perda o sindicalismo e para a engenharia do Paraná. “Perdemos um grande amigo que nos contagiava com sua alegria mas, acima de tudo, um homem que lutava com muita convicção e coragem pelos interesses dos engenheiros e da engenharia no Paraná”. O diretor do Senge-PR, engenheiro Rolf Gustavo Meyer, também lamentou a morte do amigo. “Articulador político de grandeza ímpar, assumia sem exitar, posturas firmes nas diversas frentes em que estava envolvido. Deixa um exemplo de vida aos seus familiares, aos muitos amigos que conquistou e aos colegas das diversas entidades que participou ao longo da vida”.

Para Antonio Cezar Goulart, também diretor do Senge-PR, que esteve com o companheiro poucos dias antes de sua morte, num Congresso do Crea-PR em Foz do Iguaçu, “ficará na minha lembrança, um homem animado, inspirado, inteligente, espirituoso e amigo”.

Agenda Sindical

▣ Informações sobre o dia-a-dia e a atuação do Senge-PR

Sindicato apoia projeto de lei que reenquadra salários dos engenheiros do serviço público estadual

O Deputado Estadual Edson Strapasson (PMDB) apresentou, no dia 19 de junho, ao chefe da Casa Civil do Paraná, Ney Caldas, o Projeto de Lei nº. 039/2010 que objetiva o reenquadramento salarial dos Engenheiros e Arquitetos no Quadro Próprio do Poder Executivo do Estado do Paraná (QPPE).

Caso o projeto seja aprovado, esses profissionais irão receber, no mínimo, o piso salarial da categoria, definido nos termos da Lei Federal nº 4950/A, de 1966.

O projeto já foi apresentado ao governador do estado, Orlando Pessuti que demonstrou interesse na questão. “O Governador demonstrou sensibilidade a iniciativa, pois é de seu conhecimento as desigualdades existentes piso salarial destes profissionais”, afirmou Strapasson.

O Sindicato dos Engenheiros no Estado do Paraná (Senge-PR) apoia o projeto, pois possibilita o início da reestruturação da engenharia paranaense, que há muito tempo sofre com crônica falta de quadros.

“Com salários mais atraentes, podemos revigorar os quadros de engenharia e arquitetura do Estado, fundamentais para dar andamento as grandes obras que o Paraná precisa realizar. Espero que o governo atual tenha sensibilidade para pagar aos seus engenheiros, pelo menos o piso mínimo”, destaca Valter Fanini, diretor-presidente do Senge-PR.

Fortaleça quem luta por você. Nas ARTs, marque o código

201



A Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) é obrigatória em qualquer obra, atividade, projeto ou serviço de engenharia e agronomia. A taxa paga ao Crea-PR é dividida com a Mútua e a entidade de classe que você escolher. Se você anotar o código 201 nas suas ARTs, essa entidade é o Senge-PR. Assim, você ajuda a fortalecer o Sindicato que representa você e sua profissão, contribuindo com a manutenção de um trabalho que beneficia os engenheiros e a engenharia. Nas próximas ARTs, lembre-se: marque o código 201.

Contribuição Sindical

Pagar a contribuição sindical obrigatória diretamente para o Senge-PR pode custar menos pra você, engenheiro que ganha acima do piso salarial de R\$ 4.185. No Sindicato, a contribuição custa um dia de trabalho calculado a partir do piso. Se você deixar seu empregador fazer o desconto, vai pagar mais, e seu dinheiro pode ficar com sindicato majoritário, e não com o Senge-PR, que defende você e a engenharia.

Agora, se você ganha menos que o piso salarial dos engenheiros, seu empregador está desrespeitando uma Lei Federal. Ligue para nós e denuncie. O Senge-PR existe para defender seus direitos.

